

**Sexualidade feminina e maternidade: O que um filho pode dizer do desejo da mulher?**

*Female sexuality and motherhood: What does a child mean about a woman's desire?*

*Sexualidad femenina y maternidad: ¿Qué quiere decir un niño sobre el deseo de una mujer?*

*Sexualité féminine et maternité : Que signifie un enfant à propos du désir d'une femme?*

 10.5020/23590777.rs.v25i1.e15250

**Maiara Borlini Vescovi**  

Mestra em Psicologia Institucional pela Universidade Federal do Espírito Santo (bolsa da CAPES). Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo. Tem experiência na área de Psicologia e Psicanálise, com ênfase nos seguintes temas: Maternidade, Feminilidade, Sexualidade Feminina, Função materna e Complexo de Édipo.

**Ariana Lucero**  

Professora Adjunta do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Psicanalista. Doutora em Psicologia pela UFMG (bolsa do CNPq; área de concentração: Estudos Psicanalíticos), com período sanduíche na Universidade de Nice-FR (bolsa da CAPES/PDSE). Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo.

**Kelly Cristina Brandão da Silva**  

Doutora em Educação pelo Departamento de Filosofia da Educação e Ciências da Educação, na linha de pesquisa Educação Especial, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo - FEUSP (2014); especialista pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo - IPUSP (2004) e graduada em Psicologia pela Universidade Metodista de São Paulo - UMESP (1995). Professora da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), no Departamento de Desenvolvimento Humano e Reabilitação da Faculdade de Ciências Médicas (DDHR/FCM). Docente no curso de Graduação de Fonoaudiologia e no Programa de Pós-graduação em Saúde, Interdisciplinaridade e Reabilitação (FCM/UNICAMP).

### Resumo

A questão da maternidade, na psicanálise freudiana, é ligada à feminilidade enquanto saída do Édipo na menina, ao lado da histeria e da homossexualidade. Retomamos o percurso de elaborações sobre a feminilidade para questionar até que ponto o desejo feminino encontraria respostas na maternidade, levando em conta os aspectos sociohistóricos inerentes ao contexto das formulações freudianas sobre a mulher. Destacamos a participação da mãe na constituição da sexualidade infantil, à medida que o bebê ocuparia para ela um lugar privilegiado enquanto objeto de seu desejo, substituto do desejo de ter um pênis. Questionamos, então, a noção de maternidade enquanto realização plena da feminilidade, efeito da travessia edípica na qual a menina vive a castração enquanto inveja do pênis. Trabalhamos esses conceitos a fim de questionar os limites da lógica fálica para pensar a feminilidade e a maternidade.

**Palavras-chave:** maternidade, feminilidade, sexualidade feminina, complexo de Édipo

### Abstract

*The question of motherhood, in Freudian psychoanalysis, is linked to femininity as an outcome of the Oedipus complex in girls, alongside hysteria and homosexuality. We revisit the elaborations on femininity to question to what extent female desire would find answers in motherhood, taking into account the socio-historical aspects inherent in the context of Freudian formulations about women. We highlight the mother's participation in the constitution of infantile sexuality, as the baby would occupy a privileged place for her as an object of her desire, a substitute for the desire to have a penis. We then question the notion of motherhood as the complete fulfilment of femininity,*

*an effect of the Oedipal journey in which the girl experiences castration as penis envy. We work with these concepts to question the limits of phallic logic in thinking about femininity and motherhood.*

**Keywords:** *motherhood, femininity, female sexuality, Oedipus complex*

### **Resumen**

*El tema de la maternidad, en el psicoanálisis freudiano, está ligado a la feminidad como salida del Edipo en la niña, junto a la histeria y la homosexualidad. Retomamos el camino de las elaboraciones sobre la feminidad para cuestionar hasta qué punto el deseo femenino encontraría respuestas en la maternidad, teniendo en cuenta los aspectos históricos y sociales de la cuestión de la mujer en el contexto de las formulaciones freudianas sobre la maternidad. Destacamos entonces la participación de la madre en la constitución de la sexualidad infantil, pues el bebé ocuparía para ella un lugar privilegiado como objeto de su deseo, sustituto del deseo de tener pene. Cuestionamos entonces la noción de maternidad como realización plena de la feminidad, efecto del cruce edípico en el que la niña vive la castración como envidia del pene. Trabajamos estos conceptos con el fin de cuestionar los límites de la lógica fálica para pensar la feminidad y la maternidad.*

**Palabras clave:** *maternidad, feminidad, sexualidad femenina, complejo de Edipo*

### **Résumé**

*La question de la maternité, dans la psychanalyse freudienne, est liée à la féminité comme issue à l'Oedipe chez la fille, aux côtés de l'hystérie et de l'homosexualité. Nous avons repris le chemin des élaborations sur la féminité pour interroger dans quelle mesure le désir féminin trouverait des réponses dans la maternité, en prenant en compte les aspects historiques et sociaux de la question de la femme dans le contexte des formulations freudiennes sur la maternité. Nous mettons alors en évidence la participation de la mère à la constitution de la sexualité infantile, le bébé y occuperait une place privilégiée en tant qu'objet de son désir, substitut du désir d'avoir un pénis. Nous interrogeons alors la notion de maternité comme réalisation pleine de la féminité, effet de la traversée œdipienne dans laquelle la fille éprouve la castration comme envie du pénis. Nous avons travaillé sur ces concepts afin de questionner les limites de la logique phallique pour penser la féminité et la maternité.*

**Mots-clés :** *maternité, la féminité, sexualité féminine, complexe d'Oedipe*

---

A maternidade é um tema clássico na psicanálise e muito estudado na sua articulação com o conceito de feminilidade. No que tange à leitura que Freud faz da condição da mulher, da maternidade e do desejo de filho, há muitas divergências entre os psicanalistas. Embora não haja na obra freudiana um texto dedicado exclusivamente à mãe ou à maternidade, isso não quer dizer que Freud não tenha feito importantes contribuições para pensarmos a experiência da maternidade, bem como o que é ser mãe e ter um filho para uma mulher. Os estudos empreendidos sobre essa temática, em geral, partem de uma leitura dos textos freudianos considerados essenciais na elaboração da teoria da feminilidade, já que, como destaca Marcos (2017), pesquisar a maternidade nos convoca, inevitavelmente, ao tema da feminilidade; afinal, é no percurso de elaboração da constituição da sexualidade feminina que Freud aborda a maternidade e o desejo de filho. Todavia, a respeito do (des)encontro entre feminilidade e maternidade na obra freudiana, há, entre os psicanalistas, diferentes interpretações. Dentre estas, alguns teóricos sugerem que ser mãe apresenta-se na obra freudiana como uma solução para o enigma da feminilidade, de modo que haveria, em Freud, um encontro entre maternidade e feminilidade, uma vez que ter um filho resolve a questão do desejo feminino – O que quer a mulher? [*Was will das Weib?*].

Birman (2016, p. 24-25) faz uma leitura epistemológica do conceito de feminilidade e de sexualidade feminina em psicanálise e afirma que “o feminismo tem parcialmente razão na crítica que empreendeu à razão psicanalítica”, posto que há, de fato, no discurso freudiano uma “promoção incontestável da figura da maternidade mediante a qual o feminino se faria mulher de maneira indiscutível”. Assim, para o psicanalista, “não resta dúvidas de que, no discurso freudiano, a maternidade seria a forma por excelência de realização do ser da mulher. Vale dizer, sem a maternidade a mulher não seria mulher de verdade, do estrito ponto de vista libidinal”, posto que o “encontro com a plena feminilidade (...) apenas se daria com a assunção da maternidade”. Sendo esta “a marca maior da moral do patriarcado presente no discurso freudiano”, bem como configura-se aqui “o ponto maior de estrangulamento teórico da leitura freudiana sobre feminilidade” (Birman, 2016, p. 24-25). Concordando com Birman, Zafiroopoulos (2009), após fazer uma leitura das principais posições freudianas a respeito da feminilidade e do desejo da mulher, declara que, mesmo admirando Freud, é preciso apontar que sua teoria

do feminino “nos deixa no mínimo perplexos”, já que, “para Freud, o ideal feminino nada mais é do que ser mãe” e, ao que tudo indica, esta posição freudiana frente ao feminino “mantém-se estável ao longo de sua obra e sobretudo quando ele apresenta, enfim, em 1933 (Freud, 1933/2018g) este ideal como sendo o ideal das próprias mulheres”. Frente a isso, ele conclui que, em Freud, a maternidade apresenta-se como a solução ideal do Édipo feminino, sendo um filho “o equivalente do pênis ardentemente desejado pelas mulheres” (Zafirooulos, 2009, p. 19-22). Kehl (1998) ainda lembra que, na época de Freud, as opções para a mulher, fora do lar, no campo social, eram inexistentes. Nada mais era solicitado, a não ser o cuidado do lar e dos filhos. Maternidade e casamento, então, eram pontos de chegada para a mulher.

Os postulados freudianos acerca da feminilidade devem ser analisados a partir do contexto histórico que marcou as sociedades ocidentais na Modernidade europeia. Neri (2005) enfatiza que até meados do século XVIII, segundo o modelo monista sexual, preconizava-se um único sexo, o masculino, o qual era dotado de potencialidades culturais, morais, intelectuais e afetivas. O sexo feminino era considerado como um masculino inferior. Com o pensamento iluminista e a Revolução Francesa, o conceito de diferença sexual foi instituído e questionamentos foram levantados sobre a mulher na sociedade. A biologia foi usada para dar corporeidade à mulher, como também para justificar o seu papel social. Devido ao aparato da reprodução, a mulher deveria exercer como função a maternidade e o cuidado do lar. Para Nunes (2000), a teorização freudiana não corresponde essencialmente ao modelo da diferença sexual nem ao modelo monista, todavia esses paradigmas podem ser observados em sua obra. A noção de fantasia infantil, em que somente um órgão é levado em consideração, o pênis, pressupõe um ideário monista. Ao introduzir as noções de masculinidade e feminilidade como atreladas à atividade e passividade, o pensamento freudiano inscreve-se em uma visão iluminista.

Em *A Feminilidade* – um dos últimos textos em que Freud dedica-se exclusivamente a questão feminina – pode-se, de fato, ler um certo encontro entre a mulher e a mãe, já que a feminilidade “normal” se constitui via desejo de ter um filho. Nas palavras de Freud (1933/2018g, p. 333): “a situação feminina só se estabelece se o *desejo do pênis* for substituído pelo *desejo do filho*”. Nessa lógica, somos levados a pensar que a maternidade é a via de realização do desejo feminino, já que o *desejo de pênis* – *desejo feminino por excelência* – encontra sua satisfação no filho (substituto do pênis). Dessa forma, o *desejo da mulher* parece coincidir com o *desejo da mãe*, posto que o desejo feminino encontra satisfação quando, por fim, se tem um filho. Por esse ângulo, Freud parece encontrar na figura da mãe uma solução para a grande questão: “o que quer a mulher?”.

Ora, frente ao que parece ser possível dizer a respeito da mãe, da maternidade e do desejo de filho, à luz da teoria freudiana da feminilidade, parece-nos crucial, como orienta Birman (2016), questionarmos: isso é tudo ou trata-se apenas de um dos lados da interpretação psicanalítica do feminino? Assim, e se a partir da visão de Freud, sugere-se que a questão do desejo feminino encontra resposta na maternidade, por outro lado, como nos lembra Zafirooulos (2009), no final de seu ensino, o próprio Freud confessa, em uma carta enviada a Marie Bonaparte, não ter encontrado uma resposta para o enigma da feminilidade: “A grande questão continua sem resposta e a qual eu mesmo não poderia jamais ser capaz de responder apesar dos meus trinta anos de estudos sobre a alma feminina: O que quer uma mulher?” (Freud, como citado em Zafirooulos, 2009, p. 15).

Diante desse impasse, propomos uma pesquisa teórico-bibliográfica que parte de uma leitura dos textos considerados essenciais no percurso freudiano de elaboração da teoria da feminilidade para, então, explorar e problematizar a concepção de maternidade apresentada por Freud. Nesse percurso, lançamos luz às ambiguidades e contradições que atravessam e compõem a elaboração freudiana e que, portanto, fazem-se essenciais. Atentos aos outros enunciados que nos permitam questionar o que parece ser possível apreender sobre a maternidade à luz da relação que se estabelece entre uma mãe e seu filho, buscamos, então, o que mais Freud escreve sobre a mãe, a maternidade, a feminilidade e o que vem a ser um filho. Questionamos se há, de fato, em Freud um encontro entre o *desejo da mulher* e o *desejo da mãe*, sendo a maternidade e a relação com um filho apenas fonte de felicidade e satisfação para uma mulher.

### Sexualidade Infantil e Sexualidade Materna

Desde seu primórdio, a trajetória freudiana constata a importância da sexualidade na constituição do sujeito do inconsciente. Assim, já no início das suas pesquisas, Freud (1896/1996) lança luz aos primeiros anos de vida do sujeito e não cessa de colocar em primeiro plano o fator infantil na formação dos sintomas. Todavia, é nos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (Freud, 1905/2016) – bem como nas sucessivas edições de 1910 (Freud, 1910/2018b), 1915 e 1920, – que Freud amplia o conceito de sexualidade infantil e reconhece a “normatividade” da *pulsão sexual* na primeira infância, assim como seu enlace a partir da relação estabelecida entre a criança e seus cuidadores. Nesse momento inaugural da psicanálise, Freud lança luz sobre os primeiros tempos da constituição psíquica, ressaltando o caráter universal e traumático da sexualidade, como também sua predisposição perversa e polimorfa, sem perder de vista o papel fundamental de um hábil sedutor:

É instrutivo que a criança, sob a influência da sedução, possa se tornar polimorficamente perversa, ser induzida a todas as extensões possíveis. Isso mostra que ela é constitucionalmente apta para isso; a realização encontra poucas resistências, porque as barragens psíquicas para extensões sexuais – vergonha, nojo e moral – ainda não foram erguidas ou se acham

em construção (...), mas sob a orientação de um hábil sedutor [a criança] tomará gosto em todas as perversões (...) torna-se impossível não reconhecer algo universalmente humano e primordial nessa predisposição uniforme a todas as perversões (Freud, 1905/2016, p. 98-99).

Freud revela que os cuidados maternos básicos são atravessados pelo sexual, sendo fonte constante de excitações sexuais e prazer para o bebê, que deixam profundas marcas no inconsciente, determinantes na constituição psíquica.

Talvez haja relutância em identificar como *amor sexual*, os sentimentos de afeição e estima que a criança tem por aqueles que dela cuidam, mas penso que uma investigação psicológica mais precisa poderá estabelecer essa identidade além de qualquer dúvida. Para a criança, o trato com a pessoa que dela cuida é uma *fonte contínua de excitação sexual e satisfação das zonas erógenas* (Freud 1905/2016, p. 144).

Na amamentação, por exemplo, uma parte do corpo da mãe (o seio) é feita de objeto sexual (exterior), os lábios do bebê comportam-se como uma zona erógena e o estímulo gerado pelo afluxo de leite produz a sensação de prazer: “é no prazer corporal experimentado na amamentação e no contato com o corpo da mãe que se estabelecem as bases para o desenvolvimento da pulsão sexual, em meninos e meninas” (Kehl, 2018, p. 362). Assim, dentre os primeiros e mais importantes vínculos sexuais no processo de constituição subjetiva, Freud (1905/2016) destaca o vínculo que se estabelece entre a nutriz e o lactante, na medida em que esta cuidadora oferece, ou melhor, oferece-se ao bebê como objeto sexual. No entanto, ao mesmo tempo em que a mãe se faz de objeto, o bebê também é para sua mãe, segundo Freud (1905/2016, p. 86-87), o “substituto de um objeto sexual completo”. Sobre isso, Freud (1905/2016) escreve que, se os cuidados dirigidos ao bebê são fonte constante de estímulos e satisfações sexuais, é em razão do fato de que a pessoa que dele cuida:

– que geralmente é a mãe – dedica-lhe sentimentos que se *originam de sua própria vida sexual*: acaricia, beija e embala a criança, claramente a toma como *substituto de um objeto sexual completo*. Provavelmente a mãe se horrorizaria se lhe explicassem que todos os seus carinhos despertam o instinto [pulsão] sexual do filho e preparam a posterior intensidade desse instinto [pulsão] (...) E se a mãe compreendesse melhor a elevada importância dos instintos [pulsões] para toda a vida psíquica, para todas as realizações éticas e psíquicas, pouparia a si mesma as autorrecriminações também após se esclarecer. *Ela está apenas cumprindo sua tarefa quando ensina a criança a amar* (Freud, 1905/2016, p. 144-145).

Destacamos dessa passagem uma questão cara à psicanálise – a saber, no que se refere tanto ao complexo processo de constituição psíquica quanto ao papel primordial desempenhado por uma mãe neste processo –, que parece não ser possível encontrarmos garantias na natureza ou no corpo biológico. Em nenhum momento Freud faz apelo à natureza feminina ou ao suposto instinto materno, muito menos a uma certa fisiologia do corpo feminino para pensar a relação de uma mãe com o filho. O que, de certo modo, Freud parece apresentar nessa passagem como uma possível condição à constituição sexual do bebê é a sexualidade da mãe, visto que Freud escreve que é a partir da sua própria vida sexual que uma mãe pode maternar (acariciar, beijar, embalar) o seu bebê, ou seja, é a partir da sua própria sexualidade, do seu modo de satisfação, do seu modo de gozo, que uma mãe pode, através dos cuidados e carinhos, erogenizar o corpo do bebê, promovendo, dessa forma, a fixação da atividade sexual em algumas zonas erógenas, em detrimento de outras, o que nos remete à complexidade e singularidade do processo de constituição subjetiva. Outro ponto que vale destacar na passagem acima diz respeito ao lugar do filho como um *substituto de um objeto sexual completo*, sendo então, desse lugar, que uma mãe vai poder amar (acariciar, beijar e embalar) a criança. Pois bem, mas o que seria, para Freud, um *objeto sexual completo* do qual o bebê serve como um substituto? Quais outras coisas, para além de um filho, Freud apresenta como um substituto de um objeto sexual complexo? Seguindo a pista de que a sexualidade feminina presente na mãe possui efeitos constituintes, cabe também interrogarmos: o que mais Freud elabora acerca da vida sexual da mulher? E o que mais, ao lado disso, ele anuncia a respeito da maternidade e do que vem a ser um filho para uma mulher-mãe? Há outros lugares destinados a um filho na obra freudiana?

A respeito disso, é curioso notar que, ainda nos *Três Ensaio*s, quando Freud (1905/2016, p. 43) escreve a respeito da *supervalorização do objeto sexual* na vida amorosa do homem, ele alega não ter sido possível investigar essa questão no que tange à vida amorosa da mulher, posto que esta está “envolta numa obscuridade ainda impenetrável”. Todavia, em 1920, ele acrescenta o seguinte comentário: “Em casos típicos, constata-se na mulher a ausência de uma ‘supervalorização sexual’ do homem, mas quase nunca ela deixa de mostrá-la em relação ao filho que gerou”<sup>1</sup>. Assim, mesmo diante da obscuridade da vida sexual das mulheres, Freud não deixa de notar algo que diz respeito à relação de uma mulher com o seu filho, bem como o lugar de *objeto sexual supervalorizado* que o bebê poderia vir a ocupar para sua mãe. Entretanto, aqui, a sexualidade feminina parece encontrar menos satisfação na relação com o homem enquanto objeto de desejo, do que na relação com um filho. Vale dizer que a complexa relação entre uma mãe e um filho impede qualquer tentativa de se

<sup>1</sup> Esta observação parece ter sido possível a partir da discussão acerca dos caminhos que levam à escolha de um objeto amoroso, presentes no texto *Introdução ao Narcisismo* (Freud, 1914/2010).

supor um amor materno universal e transistórico (Corrêa, 2022). Bem como destaca Badinter (1985), a noção de um instinto materno – responsável por um direcionamento natural da mulher à maternidade – é uma construção social e histórica.

### Da Sexualidade à Feminilidade: o Percurso da Menina

A diferença entre os sexos faz questão para Freud desde os primórdios da psicanálise. É cedo, portanto, que ele se vê curioso e, muitas vezes, confuso a respeito do processo psíquico que levaria um sujeito a tornar-se homem ou mulher. Ao tratar das “aberrações sexuais”, Freud (1905/2016) nos adverte acerca da não correspondência da divisão anatômica entre os sexos e a suposta complementariedade de gênero homem-mulher, vigente na norma social. Logo, Freud ratifica não ser possível reduzir a diferença sexual entre os sexos a partir das concepções de feminino e masculino apresentadas, até então pela biologia e pela sociologia, já que suas constatações apontam a inexistência de uma natureza puramente masculina ou feminina.

Embora haja ao longo de toda sua obra desencontros entre Freud e o feminino, é notável o esforço do criador da psicanálise em alcançar as particularidades da constituição da sexualidade feminina, ainda que, para isso, Freud (1905/2016) precise partir daquilo que, em alguma medida, ele tem acesso – a descrição dos processos de subjetivação da sexualidade no menino. Assim, a teoria da sexualidade infantil é construída a partir do modelo masculino, conferindo, inicialmente, ao pênis um lugar central. Como, então, Freud vai conceber dois sexos a partir de um – o masculino? Qual concepção de feminilidade foi possível à Freud, em paralelo à concepção de masculinidade?

#### *Ter um filho do pai*

Uma das notáveis e primordiais teorias sexuais infantis é, segundo Freud (1905/2016), a suposição de um pênis em todos os seres humanos. Essa convicção é energicamente sustentada pelos meninos. É só após “duras lutas internas”, nomeadas por Freud de complexo de castração, que o menino abandona essa ideia. Já a menina, dirá Freud, reconhece de imediato a diferença, sendo tomada pela “inveja do pênis, que culmina no desejo, importante em suas consequências, de ser também um menino” (Freud, 1905/2016, p. 103-105). Entretanto, na edição de 1920 dos *Três Ensaio*s, Freud se reposiciona e atribui também às mulheres um complexo de castração, ou seja, em um primeiro momento, tanto o menino quanto a menina fantasiam que todas as mulheres possuem originalmente um pênis, mas, depois, este é perdido na castração. Portanto, segundo André (1998), nesse estágio da elaboração freudiana, menino e menina parecem celebrar a universalidade do pênis, ganhando, com isso, o medo à castração, por parte do menino, e a inveja do pênis, por parte da menina. Anos depois, Freud (1923/2018c) modifica a tese apresentada aqui: a universalidade do pênis dá lugar, então, a *primazia do falo*. Afinal, o interesse pelos genitais que acomete as criança, levaria a conceber que, “para ambos os sexos, apenas um genital, o masculino, possui um papel. Portanto, não há um primado genital, mas um primado do falo [*Phallus*]” (Freud, 1923/2018c, p. 239). De toda forma, o órgão parece exercer um papel importante, ainda que no âmbito imaginário.

Em 1924 (Freud, 1924/2018d, p. 253), Freud demarca uma diferença essencial no modo como a menina e o menino se posicionam frente à castração: “a menina aceita a castração como um fato consumado, enquanto o menino teme pela possibilidade de sua consumação”. Isso faz com que, na perspectiva freudiana, caia por terra “um motivo poderoso para o estabelecimento do Supereu e a interrupção da organização genital infantil”. Nas meninas, propõe Freud, essas alterações parecem ser, mais do que no menino, efeitos da educação e da intimidação que a ameaçam com a perda do amor. O complexo de Édipo da menina “é muito mais inequívoco do que o do pequeno portador de pênis; (...) só raramente ele vai além da substituição da mãe e da posição feminina em relação ao pai” (Freud, 1924/2018d, p. 253). Porém, de toda forma, a “renúncia ao pênis não é tolerada sem uma tentativa de compensação”:

Ela desliza – poderíamos dizer ao longo de uma equação simbólica – do pênis para o bebê; seu complexo de Édipo culmina no desejo, mantido por muito tempo, de receber um filho do pai como presente, de lhe dar um filho. Temos a impressão de que o complexo de Édipo é tão lentamente abandonado, porque *esse desejo nunca se realiza*. Ambos os desejos, de possuir um pênis e um filho, permanecem fortemente investido no inconsciente e ajudam a preparar o ser feminino para o seu futuro papel sexual (Freud, 1924/2018d, p. 253).

Em outras palavras, a menina adentra a cena edípica na tentativa de compensar sua falta (de pênis), via inscrição do desejo de receber um filho do pai, porém, “esse desejo nunca se realiza”. Afinal, a menininha, em algum momento (e na melhor das hipóteses), irá passar por inevitáveis e dolorosas decepções que contradizem o conteúdo do complexo: “A menininha, que quer se considerar a amada predileta do pai, vai ter um dia de sofrer um severo castigo da parte dele e se ver lançada para fora do paraíso” (Freud, 1924/2018d, p. 247). Experiências como essa deixam, segundo Freud, a marca da “ausência da satisfação esperada e a continuada *privação* [*Versagung*] *do filho desejado*”, o que, com efeito, “demovem o pequeno apaixonado de sua inclinação sem esperança”. Então, a satisfação amorosa edípica fracassa devido a sua impossibilidade interna e o complexo de Édipo é, portanto, dissolvido. Embora não seja possível para a menininha

realizar o seu desejo de receber um filho do pai como presente ou mesmo de lhe dar um filho, isso não é o mesmo que dizer, adverte Freud na passagem acima, que o desejo de possuir um filho não tenha mais lugar no seu psiquismo. Pelo contrário, o desejo de ter um filho, tal como o desejo de ter um pênis, escreve Freud (1924/2018d, p. 253), “permanecem fortemente investido no inconsciente” do sujeito feminino.

### *Ter um filho da mãe*

Em 1931, Freud (1931/2018f) avança e revela “uma dimensão que até então permanecia ignorada: a da fixação mais antiga na mãe” (André, 1998, p. 170). Freud (1931/2018f) recoloca em análise a frequente e intensa relação das mulheres com o pai, ao mesmo tempo em que chama atenção para dois fatos que nos remetem tanto à importância quanto à duração da relação pré-ediapiana mãe-filha. O primeiro fato nos permite compreender que onde, geralmente, há uma ligação particularmente intensa entre pai-filha, “havia existido antes, segundo o testemunho da análise, uma fase de ligação exclusiva com a mãe, igualmente intensa e apaixonada” (Freud, 1931/2018f, p. 285-286). Assim, a relação estabelecida com o pai, durante o complexo de Édipo propriamente dito, aparece mais como uma repetição da relação estabelecida anteriormente com a mãe, não acrescentando quase nenhum aspecto novo à sua vida erótica (Freud, 1931/2018f, p. 286). Portanto, conclui Freud: “a forte dependência da mulher em relação ao pai é apenas a herança de uma ligação igualmente intensa com a mãe” (Freud, 1931/2018f, p. 288). Diante disso, Freud é levado a admitir que até aqui ele havia “subestimado a duração dessa ligação com a mãe” (Freud, 1931/2018f, p. 286). Todavia, é nessa relação originária com a mãe que ocorre “a parte mais longa do primeiro florescimento sexual” da menininha, já que essa fase “perdurou por um período de tempo inesperadamente longo” – o que constitui o segundo fato: a duração da relação mãe-filha. Sobre isso, lembra-nos Freud (1931/2018f), há um número considerável de mulheres que permanecem presas a essa ligação originária com a mãe, podendo nunca, de fato, dirigirem-se aos homens – o que poderia vir a acarretar em uma escolha de objeto homossexual.

Face à importância e duração, tal como às marcas indelévels deixadas pela relação mãe-filha, Freud conclui que a fase pré-ediapiana reivindica na mulher uma importância maior do que pode ter a mesma para os homens. À vista disso, Freud (1931/2018f, p. 286) faz uma relevante modificação na sua teoria, dizendo ser “necessário retomar a generalidade do enunciado segundo o qual o complexo de Édipo seria o núcleo da neurose”, pois, na mulher, a fase pré-ediapiana mãe-filha “dá espaço para todas as fixações e recalcaamentos, aos quais remetemos a origem das neuroses”. Mediante a isso, Freud (1931/2018f) está convencido que, de fato, precisa ampliar o conceito do complexo de Édipo para tratar da constituição da feminilidade. De modo que o complexo de Édipo da menina passa a ser, portanto, dividido em duas fases. A primeira fase corresponde aos primeiros tempos da constituição sexual da menina no laço com sua mãe e diz respeito, portanto, à relação “pré-ediapiana” mãe-filha, período dominado pelo caráter fálico/masculino/negativo. Já a segunda fase corresponde à situação normal/positiva/feminina do Édipo, momento em que a menininha se separa da mãe e toma o pai como seu objeto de amor, sendo apenas essa segunda fase especificamente feminina. Na fase masculina, dirá Freud (1933/2018g, p. 320-321), “as distinções entre os sexos retrocedem completamente em relação às suas congruências. Agora temos de reconhecer que a menininha é um homenzinho”, sendo o clitóris a zona erógena condutora e constantemente manipulado como um “equivalente do pênis”, a vagina, supõe Freud (1931/2018f), parece não estar presente por longos anos na vida da mulher. Logo, “o essencial em genitalidade que ocorre na infância da mulher tem de se desenvolver em torno do clitóris” (Freud, 1931/2018f, p. 289), ou seja, “a criança, qualquer que seja sua anatomia, é inicialmente sempre menino frente à mãe, e é em um segundo tempo que uma feminilização, destacando os meninos das meninas, pode se produzir frente ao pai” (André, 1998, p. 24). Mas, afinal, interroga Freud (1931/2018f, p. 298), o que a menininha demanda da mãe? De que tipo são suas metas sexuais nessa época de ligação exclusiva com a mãe? Em seguida, ele responde: “As metas sexuais da menina em relação à mãe são de natureza tanto ativa como passiva, e são determinadas pelas fases da libido, pelas quais a criança transita”. Atividade e a passividade, com efeito, (des)vinculam-se na relação mãe-filha:

As primeiras vivências sexuais ou de conotação sexual da criança com a mãe são naturalmente de natureza passiva. Ela é amamentada, alimentada, limpa e vestida por ela e instruída a fazer tudo o que precisa. Uma parte da libido da criança fica presa a essas experiências e usufrui das satisfações a elas ligadas; outra parte esforça-se por sua conversão em atividade (Freud, 1931/2018f, p. 299).

Freud deixa claro o papel ativo da pulsão no laço com sua mãe, afinal, a menina usufrui das satisfações advindas dos cuidados maternos. Todavia, se, em um primeiro tempo, a menininha vivencia esses cuidados de um lugar passivo, de objeto da mãe, logo depois, escreve Freud (1931/2018f, p. 299-300), ela tentará “fazer ela própria o que antes foi feito a ela ou com ela” – o que se faz notar através das brincadeiras da menininha com sua própria mãe ou com suas bonecas. Segundo André (1998, p. 185), a dialética atividade/passividade expressa-se aqui em uma luta entorno do lugar de objeto, através de “uma oscilação entre ser o objeto da mãe e tomar a mãe por objeto”. Veremos mais à frente que isso parece de algum modo servir também como justificativa para a ambivalência amor-ódio que rege a relação mãe-filha, já que, “para a menina, a mãe se apresenta ao mesmo tempo como um objeto de amor e como pólo de identificação”. Assim, ao mesmo

tempo que a menininha ama a mãe, ela também se revolta contra ela e deseja tomar o seu lugar. Em resumo, “as relações libidinais da menina com a mãe” assumem, segundo Freud (1933/2018g),

diversas formas, elas atravessam todas as três fases da sexualidade infantil, elas também assumem as características de cada fase e expressam-se através de desejos orais, sádico-anais e fâlicos. Esses desejos representam tanto moções ativas quanto passivas (...) Além disso, são completamente ambivalentes, podendo ser de natureza mais terna ou mais hostil-agressiva (...) O que se expressa mais claramente é o *desejo de fazer um filho na mãe*, assim como o que lhe corresponde, dar-lhe um filho, ambos pertencentes a fase fâlica, suficientemente estranhos, mas comprovados pela observação analítica (Freud, 1931/2018f, p. 323).

O *desejo de filho* aparece, portanto, primeiramente endereçado a figura materna. A menina espera receber da mãe mais do que esta é capaz de oferecer, mas ela ainda não chegou a esta constatação. São múltiplos os desejos sexuais dirigidos à mãe, porém, sublinha Freud (1933/2018g, p. 327), “em sua maioria, não podem ser satisfeitos”, o que, sem dúvidas, irá constituir “uma fonte abundante de hostilidade da criança contra a mãe”. Isso parece nos dar notícias da ambivalência que, com frequência, nota-se na relação mãe-filha. Ora, mas isso é suficiente para despertar o interesse da menina pelo pai? Kehl (2018, p. 362) destaca que, se “a sexualidade feminina se constitui necessariamente sobre uma base de intensa ligação a um objeto do mesmo sexo”, o que faz com que, posteriormente a menina desloque sua libido para um outro objeto do sexo masculino? Exige-se da menininha, aqui, um movimento a mais na travessia edipiana para que ela se separe da mãe e dirija-se ao pai, adentrando assim na fase “normal” positiva do complexo de Édipo, para que, no fim dessa travessia, possa “cumprir sua destinação de se tornar mulher e mãe”. Pois bem, em algum momento, a menina precisa então trocar de sexo, substituindo o prazer clitoridiano pelo prazer vaginal; como também trocar o sexo do objeto, substituindo a mãe pelo pai. Essas duas substituições são um tanto quanto problemáticas, já que, como sublinha André (1998, p. 182), podem não ser realizadas de forma completa, pois, como veremos, o prazer clitoridiano não é totalmente abandonado e, mesmo sendo a mãe (em partes) “abandonada enquanto objeto de amor, permanece entretanto presente enquanto pólo de identificação”. Parece que, até certo ponto, Freud (1931/2018f, p. 290) estava avisado disso, afinal, ele questiona: “por quais caminhos essa transformação ocorre, quão detalhada ou incompletamente ela é executada, e quais diferentes possibilidades se apresentam nesse desenvolvimento?”.

O afastamento em relação à mãe é, de todo modo, um passo importante na travessia edipiana da menina. Porém, questiona Freud (1933/2018g, p. 324): “o que põe fim a essa poderosa ligação da criança com a mãe”? Mesmo sabendo que o “destino habitual” da ligação da criança com a mãe é ceder lugar à ligação com o pai, Freud (1933/2018g) depara-se com um fato: “(...) não se trata de uma simples troca de objeto. O afastamento em relação à mãe ocorre sob o signo da hostilidade; a ligação com a mãe acaba em ódio” (Freud, 1933/2018g, p. 325). De fato, desprender-se da mãe para, assim, dar espaço à construção de uma relação com o pai, não é uma tarefa simples para a menina e não acontecerá sem complicações – como veremos a seguir –, já que o pai é aquele que marca um ponto de separação entre a mãe e o seu bebê. Nessa passagem da mãe para o pai, o ódio parece exercer uma função estruturante no feminino.

Freud (1931/2018f) relata as inúmeras queixas e recriminações que comumente são feitas à mãe que parecem justificar, em alguma medida, os sentimentos hostis da criança: que ela deu pouco leite ou que não a amamentou por tempo suficiente; que a obrigou a dividir o amor materno com outros; que nunca preencheu todas as expectativas amorosas; ou que a mesma estimulou a própria atividade sexual e depois a proibiu. De todo modo, essas acusações “parece[m] ser muito mais uma expressão da insatisfação geral das crianças (...) Tão grande é a voracidade da libido infantil!” (Freud, 1931/2018f, p. 296-297). Dentre tantas recriminações, emerge, no final dessa primeira fase de ligação com a mãe, o motivo mais forte para a menininha se afastar da mãe: “a recriminação por não tê-la concebido com um genital correto, isto é, por tê-la parido como mulher” (Freud, 1931/2018f, p. 296). Freud (1933/2018g, p. 328) se surpreende ao descobrir que “a menina responsabiliza a mãe por sua falta de pênis e não lhe perdoa essa desvantagem”. O encontro da menininha com sua falta de pênis terá como consequência a sua entrada no complexo de Édipo. Na travessia da mãe para o pai, tanto o encontro com a castração quanto a descoberta da castração materna desempenham um papel fundamental no trajeto de realização da feminilidade – o que nos leva a um último ponto de discussão.

### **(Des)encontros com a Castração: Tornar-se Histérica, Homossexual ou Mãe?**

Segundo Freud (1933/2018g), o complexo de castração da menina faz com que ela se sinta *gravemente prejudicada*. Com frequência, ela “declara que gostaria de também ter algo *assim*” – lançando-se à *inveja do pênis [Penisneid]*, o que, com efeito, “deixa marcas indeléveis em seu desenvolvimento e na formação do seu caráter, e mesmo no caso mais favorável não será superada sem um extremo dispêndio psíquico” (Freud, 1933/2018g, p. 329-330). Assim, Freud atribui um enorme valor a inveja do pênis, afirmando ser “o desejo de finalmente conseguir o pênis almejado” que contribui para que muitas mulheres recorram à análise. Aqui, ele propõe que o investimento da mulher para exercer uma profissão intelectual pode ser “identificado como uma transformação sublimada desse desejo recalcado”, bem como atribui à inveja do pênis “o excedente que há nas mulheres” (Freud, 1933/2018g, p. 329-330). Portanto, após já ter percorrido um longo

caminho teórico a respeito da constituição da feminilidade, Freud (1933/2018g) propõe o encontro da menina com a castração como sendo um ponto de viragem na sexualidade feminina: “Dele partem três orientações (...): uma leva à inibição sexual ou à neurose; a seguinte, à alteração do caráter, no sentido de um complexo de masculinidade; e a última, finalmente, à feminilidade normal” (Freud, 1933/2018g, p. 331).

### ***Da inibição sexual ao sintoma histérico***

A descoberta da diferença anatômica entre os sexos pode levar a menina, “que viveu até então de modo masculino” e que obtinha prazer através da masturbação clitoriana como um equivalente do pênis, a estragar o prazer de sua sexualidade fálica pela influência da inveja do pênis, já que, ao se comparar com o menino “muito mais bem-dotado”, sente-se ofendida em seu amor-próprio. Assim, o clitóris perde seu valor de objeto fálico, a menina “renuncia à satisfação masturbatória no clitóris, rejeita o amor pela mãe e ao mesmo tempo recalca, não raramente, uma boa parte de seus anseios sexuais” (Freud, 1933/2018g, p. 331). Porém, pode acontecer que a menina não consiga eliminar completamente o seu prazer clitoriano, travando “uma luta violenta” em que “a própria menina assume o papel de sua mãe” que, em algum momento anterior, havia proferido a proibição da masturbação “e expressa toda sua insatisfação com o clitóris inferior, opondo-se à satisfação com ele” (Freud, 1933/2018g, p. 332). Freud (1908/2018a) já havia notado que:

muitas mulheres atrofiam-se em sua função sexual – seja por seu apego a essa excitabilidade do clitóris, de maneira que elas permanecem anestesiadas no coito, seja porque o recalçamento ocorre em excesso, a ponto de seu efeito ser parcialmente suspenso por uma *formação histérica substitutiva* (Freud, 1908/2018a, p. 104).

O sintoma histérico pode apresentar-se como uma formação substitutiva, sendo uma fonte de satisfação para uma mulher. Logo, uma mulher pode não se satisfazer sexualmente pela via do coito ou de um parceiro, encontrando satisfação a partir do seu sintoma. Tendo isso em vista, podemos afirmar que, de certo modo, a inibição sexual abre caminho à feminilidade, posto que a “passagem ao pai como objeto é realizada com o auxílio dos anseios passivos” (Freud, 1931/2018f, p. 303). Nesse sentido, em 1933 (Freud, 1933/2018g), Freud escreve:

Com o abandono da masturbação clitoriana, renuncia-se a uma parte da atividade. Agora prevalece a passividade, e a viragem em direção ao pai se realiza predominantemente com o auxílio de moções pulsionais passivas (...) um impacto como esse no desenvolvimento, que remove a atividade fálica do caminho, aplaina o terreno da feminilidade. *Se nesse caso não se perde muito com o recalçamento, essa feminilidade pode vir a ser normal* (Freud, 1933/2018g, p. 333).

### ***O complexo de masculinidade***

Uma segunda “saída” possível para a mulher, frente à falta, a lança em um caminho mais árduo até a feminilidade “normal”, ao passo que coloca em cena o oposto do que ocorre na inibição sexual, já que é desenvolvido um acentuado complexo de masculinidade, manifesto a partir da recusa, em certa medida, da castração. Assim, ao ver o órgão genital do menino, a menina irá concluir que o dela “ficou muito pequeno”, sente-se prejudicada e inferior, mas consola-se ao criar a expectativa de que mais tarde, quando ela crescer, receberá um apêndice tão grande quanto o do menino e que, assim, será igual aos homens (Freud, 1924/2018d, p. 252). Esse sentimento de esperança, segundo Freud (1931/2018f, p. 291), pode ser conservado até “épocas incrivelmente tardias, elevar-se à condição de objetivo de vida, e a fantasia de, apesar de tudo, ser um homem frequentemente permanece como formadora por longos períodos de tempo”, o que, por sua vez, pode vir a culminar em uma escolha de objeto homossexual manifesta. Portanto, ao invés de abandonar a atividade fálica frente à ausência do falo, a menina aferra-se a sua masculinidade e intensifica sua atividade clitoriana, evitando o impulso à passividade que abriria caminho à feminilidade. Ao mesmo tempo em que toma o pai não como objeto de amor, mas sim como a figura ao qual ela vai identificar-se, pode também nunca, de fato, endereçar-se a este, *identificando-se com a mãe fálica* – aquela da primeira fase do Édipo. Afinal, ao passo que a menina se recusa a reconhecer sua falta de pênis, ela também parece se recusar a reconhecer a mãe enquanto uma mulher, e, portanto, também submetida à castração.

No que diz respeito à escolha amorosa da mulher, Freud, em 1914 (1914/2010), escreve acerca dos caminhos que podem levar uma mulher à escolha de um objeto amoroso. Ele propõe que, na puberdade, pode ocorrer nas mulheres uma *intensificação do narcisismo primário*, o que dificulta uma verdadeira escolha objetual e favorece a supervalorização sexual do seu objeto de amor. Essa ideia nos permite justificar, em alguma medida, a ideia apresentada anteriormente: a menina pode nunca eleger o pai (ou qualquer outro) como objeto amoroso, uma vez que nada lhe parece faltar, apresentando-se como fálica. Desta maneira, de acordo com Freud (1914/2010), produz-se em algumas mulheres uma certa *autossuficiência*. Com efeito, tais mulheres amam apenas a si mesmas com intensidade semelhante à que são amadas pelo homem. Sua necessidade não reside tanto em amar quanto em serem amadas (...) Tais mulheres exercem a maior atração sobre os homens, não apenas por razões estéticas (...). Pois parece bem claro que o narcisismo de uma pessoa tem grande fascínio para aquelas que desistiram da dimensão plena de seu próprio narcisismo e estão em busca do amor objetual (Freud, 1914/2010, p. 23).

Dessa forma, Freud supõe que a atração ocorre pela via de uma coerência narcisista, visto que as mulheres atraentes mantêm afastadas de seu Eu tudo o que possa diminuí-lo, conservando uma posição libidinal inatacável. No entanto, nesse mesmo texto, Freud apresenta a maternidade como uma possível “solução” para as mulheres narcisistas. Pois, por essa via, elas podem conseguir, de fato, endereçar a um objeto o seu amor. Ao dar à luz a um filho “uma parte do seu corpo lhes surge à frente como um outro objeto, ao qual podem então dar, a partir do narcisismo, o *pleno amor objetal*” (Freud, 1914/2010, p. 24). A partir dessa perspectiva, a maternidade parece ser uma via para a constituição do narcisismo secundário em algumas mulheres, de modo que seja possível investir a libido em outros objetos.

Ademais, a partir desse ponto de vista, o próprio Freud nos permite interrogar o suposto encontro entre a mulher e a mãe, bem como a suposta equivalência do desejo da mulher ao desejo de filho – pontos que serão mais bem explorados no tópico seguinte. Pois, tomando como referência o artigo aqui citado, Freud (1914/2010) afirma existir, com certa frequência, mulheres que “bastam a si mesmas” e que, portanto, não apresentam a necessidade de ir em busca de um objeto para satisfazer-se narcisicamente. Logo, Freud vislumbra a possibilidade de uma mulher satisfazer-se por outra via que não a da maternidade. Por conseguinte, o desejo feminino não se iguala aqui ao desejo de ter um filho. De todo modo, tornar-se mãe e ter um filho parece não ser aqui a única via possível de satisfação para o desejo da mulher. Como já foi dito<sup>2</sup>: a necessidade de uma mulher não é a de amar, mas sim de ser amada. A respeito disso, Freud (1933/2018g, p. 338) reforça: “Atribuímos, portanto, à feminilidade, um grau maior de narcisismo, o qual também influencia sua escolha de objeto, de maneira que ser amada, para a mulher, é uma necessidade mais forte do que amar”. À vista do que Freud propõe, tanto em 1914 quanto em 1933, parece ser possível encontrarmos uma outra resposta na obra freudiana para a grande questão que, mais tarde, ele irá formular: “o que quer a mulher?” – Ora, parece que o que ela quer é ser amada.

A partir desse ponto de vista apresentado por Freud no texto sobre o Narcisismo, podemos questionar: 1) O que leva uma mulher fática (autossuficiente) a desejar ser mãe?; 2) O que torna possível para uma mãe dar ao seu bebê o lugar de seu *objeto de amor*?; 3) A criança pode vir a ser o único objeto de desejo da mãe? Essas e outras questões irão orientar a continuação da nossa investigação nos tópicos seguintes.

### ***Maternidade e feminilidade: (des)encontros possíveis***

O terceiro “destino” possível para a menininha após o encontro com a castração é, segundo Freud (1931/2018f, p. 291), o que irá “desemboca[r] na *normal configuração feminina final*, a que toma o pai como objeto e assim encontra a forma feminina do complexo de Édipo”. Todavia, esse caminho que a menininha deve trilhar para, por fim, tornar-se mulher é, nas palavras de Freud, “bastante indireto”. “Nesse caso, não é fácil fornecer dados temporais mais exatos nem estabelecer maneiras típicas de evolução. O próprio momento da descoberta da castração é variável; muitos outros fatores parecem ser inconstantes e depender do acaso” (p. 294). De todo modo, dentre as três orientações apresentadas por Freud (1933/2018g, p. 334), a maternidade parece ganhar um certo destaque, posto que, segundo ele, a terceira orientação – a feminilidade normal – é somente, de fato, alcançada se a descoberta da castração for sucedida pela substituição do desejo de pênis pelo desejo de ter um bebê do pai, o que demarca a entrada da menininha na cena edípica. Vale relembrar que o desejo de filho já tinha um lugar no desejo da menininha e, originalmente, é dirigido à mãe.

O encontro com a ausência no seu corpo de um órgão correspondente ao do menino é tomado pela menina, em um primeiro momento, apenas como um “infortúnio individual”. É só depois que a “generalidade desse caráter negativo” irá recair sobre todas as mulheres e, por fim, também à mãe. A partir dessa constatação, produz-se uma grande desvalorização da feminilidade e, conseqüentemente, da sua mãe (Freud, 1931/2018f, p. 295). Pois, dirá Freud (1933/2018g, p. 331), “seu amor relacionava-se à mãe fática; com a descoberta de que a mãe é castrada, torna-se possível abandoná-la como objeto”. Afinal, a menininha depara-se aqui também com a impossibilidade da mãe lhe dar um filho, ou seja, de satisfazer o seu desejo de pênis – já que ela também não o tem. A descoberta da castração materna opera como um fator decisivo no rompimento da menininha com sua mãe e posterior endereçamento ao pai, já que:

o desejo com o qual a menina se volta para o pai é, sem dúvidas, originariamente, o desejo do pênis que a mãe lhe negou, e que ela agora espera do pai. No entanto, a situação feminina só se estabelece se o desejo do pênis for substituído pelo desejo do filho, portanto, se o filho entrar no lugar do pênis, de acordo com uma velha equivalência simbólica (Freud, 1933/2018g, p. 333).

Cabe destacar que é pelo fato de a mãe *negar* à sua filha a satisfação do desejo de pênis que a menininha vai buscá-lo em outro lugar. Ou seja, é preciso que uma suposta primeira marca da “privação” do filho desejado seja inscrita nos primeiros tempos da constituição do sujeito na relação da menininha com sua mãe. Nesse ponto, chamamos atenção para o papel primordial da mãe, afinal, cabe a ela, em alguma medida, dizer “não” às inúmeras demandas que a filha (tal como

<sup>2</sup> A segunda via de satisfação amorosa no terreno do Édipo apresentada por Freud (1924/2018d) diz respeito à posição feminina. Nela, a menina (heterossexual) identifica-se com a mãe e, portanto, deseja ser amada pelo pai. Assim, o que parece pesar sobre as meninas é o desejo de ser amada.

o filho) dirigem à ela. Todavia, é por não ser, ainda, toda-privada, que a menininha segue o seu caminho, na tentativa de satisfazer o seu desejo de pênis. Assim, segundo Jerusalinsky (2009, p. 122-123), as meninas saem do complexo de castração com uma espécie de “falo hipotecado” na promessa da maternidade. Como também articulam, a partir da matriz construída na primeira relação amorosa com sua mãe e ao saber-se castrada, um saber próprio do feminino: de quem não o tem, mas sabe onde buscá-lo.

Assim, ao endereçar-se ao pai e transferir para ele o lugar de seu objeto de amor, antes ocupado por sua mãe, a menininha espera receber dele um bebê de presente, na medida em que ele é o suposto detentor do pênis-falo. Nessa sequência, a mãe torna-se objeto de ciúmes, como também sua rival na conquista pelo amor do pai, na medida em que ela “recebe do pai tudo o que a menina dele almeja” (Freud, 1933/2018g, p. 334). A partir daí, o ódio da menininha pela mãe sofre uma grande intensificação e “a menininha transforma-se em uma pequena *mulher*” (Freud, 1925/2018e, p. 268). Ainda assim, a menina permanece no complexo de Édipo “por tempo indeterminado, só o descontrói mais tarde e de maneira incompleta” (Freud, 1933/2018g, p. 334-335). Pois bem, se na infância o desejo de ter um filho-pênis do pai torna-se “a meta do desejo feminino mais intenso”, na vida adulta:

É grande a felicidade quando esse desejo por um filho encontra mais tarde sua efetiva realização, contudo mais particularmente se a criança é um menino que traz consigo o pênis almejado. Na expressão ‘um filho do pai’; a ênfase recai muito frequentemente sobre o filho, e o pai não é acentuado. Assim, o antigo desejo masculino de possuir um pênis ainda opera através da feminilidade consumada. Mas talvez devamos antes reconhecer esse desejo de pênis como um desejo feminino por excelência (Freud, 1933/2018g, pp. 333-334).

Logo depois, ele também escreve:

Vê-se que o velho fator da falta de pênis ainda não esgotou sua força, na diferença de reação da mãe ao nascimento de um filho ou de uma filha. Só a relação com um filho traz à mãe uma satisfação ilimitada; de todas as relações humanas, ela é absolutamente a mais perfeita e a mais isenta de ambivalência. Para o filho, a mãe pode transferir a ambição que teve de reprimir em si mesma, e esperar dele a satisfação de tudo aquilo que lhe restou do seu complexo de masculinidade (Freud, 1933/2018g, p. 339-340).

Nessa passagem, Freud escreve que o desejo da mulher – desejo feminino – é, por excelência, o desejo de pênis, sendo assim, Freud (1933/2018g), em alguma medida, propõe que o desejo feminino é igual ao desejo de pênis (desejo feminino = desejo de pênis). Antes disso, ele propôs que o desejo de filho se inscreve no lugar que antes era do desejo de pênis; nessa lógica, parece que há uma equivalência entre o desejo feminino e o desejo de filho. Por conseguinte, parece ser possível, de fato, apontar que há, um certo encontro entre a mulher e a mãe, na medida em que o desejo da mulher parece coincidir com o desejo da mãe, sendo a maternidade – enquanto feminilidade consumada –, por excelência, a via de realização do desejo feminino. Por esse ângulo, Freud parece encontrar na figura da mãe uma solução para o enigma da feminilidade. Assim, a grande questão – “o que quer a mulher?” – encontra resposta na maternidade – “Ela quer é ter um bebê”. Destarte, em alguma medida, e a partir dessa perspectiva, o estabelecimento do laço amoroso entre a mãe e o seu bebê parece encontrar alguma garantia, já que o bebê – enquanto um substituto do pênis/falo que falta à mulher-mãe – é acolhido no lugar daquilo que a mulher-mãe deseja, posto que não o tem, mas quer tê-lo. Desse modo, a chegada do bebê promove um encontro entre a mulher e a mãe, sendo a experiência da maternidade, desse ponto de vista, fonte de felicidade, realização e, sobretudo, de completude. Todavia, Freud nos leva a pensar que quando esse bebê é um menino, é atribuído a ele um lugar ainda mais privilegiado no desejo da mulher-mãe. Assim, em seguida, Freud (1933/2018g) promove uma radical diferença entre um filho e uma filha. Segundo ele, a mãe não reage da mesma forma diante do nascimento de um bebê, de modo que a maternidade é apresentada como sendo “mais particularmente” feliz quando ela tem um filho menino, posto que este traz no seu corpo o órgão sexual tão almejado/desejado/invejado e que falta à ela – o pênis. Nesse ponto, vislumbra-se, em Freud, uma certa idealização e romantização do encontro da mulher com a maternidade, já que quando, então, a mulher torna-se mãe e tem um filho menino, a maternidade vem a ser uma experiência marcada por uma *satisfação plena*, “*ilimitada*”, sendo a relação mãe-filho “perfeita” e isenta de ambivalência.

Na esteira desse raciocínio, não passou despercebido para Freud o fato de que muitos homens não se separam da mãe, assim como suas escolhas de objeto amoroso são “impregnadas pelas características maternas e todos eles se tornam substitutos facilmente reconhecíveis da mãe” (Freud, 1910/2018b, p. 126). Portanto, segundo Freud (1933/2018g, p. 328), mesmo que compareça, na relação do filho com a mãe, situações de abandono, decepções amorosas, ciúme, sedução e proibição, essas parecem não ser suficientes para afastá-lo da mãe como objeto primordial – como vemos acontecer na relação da menina com a mãe. Será que as mulheres-mães se contentam em serem amadas exclusivamente por seus filhos?

Ao contrário disso, podemos notar, a partir do que Freud escreve a respeito da relação mãe-filha, que a maternidade parece não ser tão perfeita assim, do ponto de vista da mãe, tampouco isenta de ambivalência. Em diversos momentos, Freud sublinha as inúmeras demandas e exigências que a menininha faz à sua mãe, além dos ciúmes, dos ressentimentos, da culpa, do ódio e da rivalidade endereçados à figura materna. Será que o pai, no complexo de Édipo feminino, de fato,

vem a se tornar um objeto de amor ou ele é apenas uma via para acessar o objeto de desejo? O que as mulheres narcisistas poderiam nos ensinar a esse respeito?

Ao postular a maternidade como destino, Freud, conforme Kehl (1996), não tinha como prever que toda a estrutura nuclear da família se modificaria, sendo que a maternidade, paulatinamente, tornar-se-ia uma opção para as mulheres. Para a autora, os filhos vêm perdendo o lugar fálico junto às mães. Além disso, frequentemente, na Contemporaneidade, a existência de um filho pode ser vivida por algumas mulheres como uma limitação que dificultaria o acesso a outros atributos fálicos. Para Birman (1999), na atualidade, o desejo da mulher pode incidir ou não na maternidade. A feminilidade enquanto resultado das renúncias edípicas e correspondentes à maternidade, já não pode mais ser pensada como única resolução edípica ideal. Que a maternidade ainda seja supervalorizada pela cultura e que muitas mulheres encontrem nela a sensação de completude em detrimento de sua falta fálica, é inquestionável. Porém, com as conquistas do espaço público e do direito ao desejo para além do espaço privado, do lar e da maternidade, as mulheres encontram inúmeras possibilidades fálicas na Contemporaneidade. Se antes, boa dose de prazer deveria ser renunciada para o exercício do seu destino maternal, hoje estas não se fazem mais obrigatórias (Coelho & Wollmann, 2017, p. 22–23). É inegável que a inclusão da mulher no mercado de trabalho, bem como os avanços tecnológicos e da medicina, permitiu ampliar seus interesses para além do espaço doméstico. Diante dessa perspectiva, a maternidade torna-se uma das possibilidades de investimento libidinal, e não mais, como outrora, um destino natural.

### Considerações Finais

Desde os primórdios da sua obra, Freud não delega ao bebê um lugar qualquer no desejo da mulher-mãe. Como já podemos notar, Freud (1905/2016) ensina que o bebê ocupa o lugar de substituto de um objeto sexual completo para sua mãe, bem como constata que, nos casos típicos, a mulher quase nunca deixa de demonstrar pelo seu bebê uma supervalorização sexual. Por fim, Freud propõe uma equação de equivalência – *pênis = falo = bebê* – em uma tentativa de resolução possível para a inveja do pênis na mulher. Nessa lógica, o bebê ocupa no desejo da mulher-mãe um lugar privilegiado, na medida em que ocupa o lugar de um substituto do pênis/falo tão almejado e desejado por sua mãe. Contudo, ao lado disso, as inúmeras elaborações teóricas freudianas a respeito da complexidade da constituição sexual do sujeito, nos permitem entrever a função primordial da mãe e da sua sexualidade feminina nos primórdios da constituição subjetiva, afinal, é ela quem tanto se oferece ao bebê como objeto sexual, como também concede a ele um lugar privilegiado no seu desejo. Nesse percurso, Freud nos ensina a importância do prazer compartilhado no laço mãe-bebê, já que é através dos cuidados maternantes que o corpo do bebê é erogeneizado, marcado pela sexualidade e, portanto, pelo desejo daqueles que dele cuidam. É por ter sido, na melhor das hipóteses, ser amado e desejado, que o bebê aprende a amar e desejar. Destacamos, portanto, a dependência radical do bebê humano em relação àqueles que dele cuidam e, nesse sentido, evidenciamos os altos investimentos necessários à constituição psíquica.

Assim, parece ser necessário à constituição psíquica que, em alguma medida, uma mulher possa encontrar alguma satisfação na maternidade e na relação com o seu bebê, conforme sugerido por Freud, de modo que algo da sua feminilidade, do seu desejo feminino, possa encontrar prazer e realização na maternidade – ainda que essa mulher esteja sob a égide de uma suposta masculinidade. No entanto, a partir dos achados desta pesquisa, faz-se essencial destacar que, embora a maternidade não resolva a questão do desejo feminino, é desejável que, na melhor das hipóteses, haja um certo encontro entre feminilidade e maternidade, ou seja, entre a mulher e a mãe, de modo que o bebê possa vir a encontrar algum lugar no desejo da mulher-mãe a partir do qual ele poderá advir enquanto sujeito. Se este bebê é um menino ou uma menina, talvez isso tenha consequências também sobre o papel que aquele que ocupa a função do pai é levado a exercer, junto com a mãe, sobre a sexualidade do filho. Assim, Freud nos deixa antever que o complexo de Édipo da menina e do menino são apenas modelos ideais, que não dependem apenas de um agente, mas de duas funções, não sendo jamais seguidos linearmente por nenhum sujeito.

Portanto, se podemos extrair do texto freudiano a conclusão de que o desejo de um filho é um destino da inveja do pênis, sendo o desejo da mulher equivalente ao desejo da mãe, devemos levar em consideração o fato de que Freud só chega a essa conclusão, pois faz uma leitura da mulher, bem como da mãe, da maternidade e do desejo de filho, apenas pela lógica fálica. Nesse sentido, Marcos (2017) nos adverte acerca do fato de que a clínica psicanalítica dá testemunhos de que a maternidade não se deixa recobrir inteiramente pela lógica fálica. Assim, ainda de acordo com Marcos (2017), se a mulher busca na figura da mãe uma saída para a sua castração, na tentativa de inscrever algo do feminino, o encontro com a maternidade pode vir a ser palco de um intenso sofrimento psíquico. Compartilhando desse ponto de vista, André (1998, p. 179) escreve: “que a criança constitua, à falta do pênis, o signo da identidade feminina sempre apenas como uma esperança, até mesmo uma denegação”, com efeito, a maternidade, com frequência, é acompanhada por uma depressão ou por um contentamento de fachada.

Ainda de acordo com a lógica fálica, Freud (1914/2010) parece aventar a possibilidade de um filho servir como tratamento para o narcisismo de uma mulher. Isso, é claro, se ela efetivamente vier a desejá-lo, o que nem sempre se verifica. O filho pode ser mais um objeto que uma mulher quer ter para ser amada, sem que seu amor esteja efetivamente

em jogo. Ou pode ser mais um objeto substituto do falo, como tantos outros já conquistados. Assim, inúmeras outras possibilidades se colocam, sendo que em todos os casos concluímos que o filho não resolve a questão da mulher, mas implica um reposicionamento subjetivo que não é vivido sem angústia. Afinal, a possibilidade de completude é o fim do desejo. E, mesmo, da demanda de amor, será que poderíamos dizer que o desejo da mulher é ser amada, no sentido da impossibilidade de satisfação da demanda de amor? Nesse sentido, o que as histéricas, “inibidas” do ponto de vista freudiano deixaram como legado para a psicanálise?

### Referências

- André, S. (1998). *O que quer uma mulher?* Zahar.
- Badinter, E. (1985). *O mito do amor materno: Um amor conquistado*. Nova Fronteira.
- Birman, J. (1999). *Cartografias do feminino*. Editora 34.
- Birman, J. (2016). *Gramáticas do erotismo*. Civilização Brasileira.
- Coelho, D. C. S., & Wollmann, A. (2017). A maternidade como saída edípica: Considerações sobre a feminilidade. *Cadernos da Escola de Saúde*, 17(1), 10–24. <https://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/cadernossaude/article/view/3074>
- Corrêa, H. C. S. (2022). Feminino e maternidade: Mais ainda, a partir da prematuridade. *Psicologia USP*, 33, 1-8. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e200117>
- Freud, S. (1996). A etiologia da histeria. In: J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 3, pp. 191-218). Imago. (Trabalho original publicado em 1896).
- Freud, S. (2010). Introdução ao Narcisismo. In: *Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 10-37). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. 6, pp. 13-154). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (2018a). *Amor, sexualidade, feminilidade* (pp. 95-116). In: S. Freud, *Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Autêntica. (Trabalho original publicado em 1908).
- Freud, S. (2018b). *Amor, sexualidade, feminilidade* (pp. 117-178). In: S. Freud, *Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Autêntica. (Trabalho original publicado em 1910).
- Freud, S. (2018c). *Amor, sexualidade, feminilidade* (pp. 237-246). In: S. Freud, *Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Autêntica. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (2018d). *Amor, sexualidade, feminilidade* (pp. 247-258). In: S. Freud, *Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Autêntica. (Trabalho original publicado em 1924).
- Freud, S. (2018e). *Amor, sexualidade, feminilidade* (pp. 259-276). In: S. Freud, *Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Autêntica. (Trabalho original publicado em 1925).
- Freud, S. (2018f). *Amor, sexualidade, feminilidade* (pp. 285-312). In: S. Freud, *Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Autêntica. (Trabalho original publicado em 1931).
- Freud, S. (2018g). *Amor, sexualidade, feminilidade* (pp. 313-348). In: S. Freud, *Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Autêntica. (Trabalho original publicado em 1933).
- Jerusalinsky, J. (2009). *A criação da criança: letra e gozo nos primórdios do psiquismo* [Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório de Teses e Dissertações da PUC SP. <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/15847>

- Kehl, M. R. (1996). *A mínima diferença: O masculino e o feminino na cultura*. Imago.
- Kehl, M. R. (1998). *Deslocamentos do feminino: A mulher freudiana na passagem para a modernidade*. Imago.
- Kehl, M. R. (2018). Posfácio: Freud e as mulheres. In S. Freud, & M. R. S. Moraes (Ed.), *Amor, sexualidade, feminilidade* (pp. 353-368). Autêntica.
- Marcos, C. M. (2017). O desejo de ter um filho e a mulher hoje. *Trivium-Estudos Interdisciplinares*, 9(2), 246-256.
- Neri, R. (2005). *A psicanálise e o feminino: Um horizonte da modernidade*. Civilização Brasileira.
- Nunes, S. A. (2000). *O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha: Um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade*. Civilização Brasileira.
- Zafropoulos, M. (2009). A teoria freudiana da feminilidade: De Freud a Lacan (E. R. dos M. Guia, & P. R. Ceccarelli Trads.). *Reverso*, 31(58), 15–24. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5470010>

### Como Citar:

Vescovi, M. B., Lucero, A., & Silva, K. C. B. da. (2025). Sexualidade Feminina e Maternidade: O que um filho pode dizer do desejo da mulher? *Revista Subjetividades*, 25(1), e15250. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v25i1.e15250>

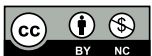
---

### Endereço para correspondência

Maiara Borlini Vescovi  
E-mail: [maiborlini@hotmail.com](mailto:maiborlini@hotmail.com)

Ariana Lucero  
E-mail: [luceroariana@yahoo.com.br](mailto:luceroariana@yahoo.com.br)

Kelly Cristina Brandão da Silva  
E-mail: [kcbsilva@unicamp.br](mailto:kcbsilva@unicamp.br)



Recebido: 15/05/2024  
Aceito: 09/12/2024